

# Encontro em Possível Meeting in Possible Rencontre en Possible

Mário Montenegro  
*Universidade do Porto*

## *Personagens*

(por ordem de aparição)

BILL

JAMES

PETER (depois ARMANDE)

JOHN

RICHARD (depois CHARLES)

CARL

HAMMERMAN (depois DELACROIX)

JEAN

## *Breve introdução*

Na escrita desta peça tive como preocupação deixá-la o mais aberta possível. Neste sentido procurei não vincar uma localização histórica precisa, tanto temporal como espacial, em tudo que é dito pelas personagens.

O contexto histórico que me serviu de base à construção desta peça atravessa quase um século – os períodos de vida de Shakespeare e Molière – e dois países – Inglaterra e França, e é assente em factos concretos desses períodos que a peça se desenrola.

O facto de o palco do teatro tudo permitir, com a ajuda, claro, da capacidade de abstracção do público, convida ao quebrar das tradicionais regras de unidade, mesmo que aparentemente tal não aconteça.

Optei por utilizar os nomes próprios dos dois escritores nas personagens que criei pois o peso de um Molière (JEAN) e de um Shakespeare (BILL) ao longo do texto não só tornaria a peça mais fechada como criaria um maior distanciamento do leitor/espectador relativamente a essas personagens e à acção.

Utilizei, em casos específicos, nos nomes das personagens que acompanham os dois escritores, nomes próprios de pessoas que com eles conviveram e que estão, de alguma forma, relacionadas com os seus trabalhos e com as suas vidas.

Noutros casos permiti-me inventar dentro do contexto da minha imaginação.

Evitei ao máximo, e no sentido de apresentar o texto o mais aberto possível (característica que, de momento, me parece muito importante), introduzir indicações de cena. Houve algumas que acrescentei no final como forma de “ajudar” os sentidos numa primeira leitura. Tenho naturalmente consciência que ao fazê-lo fechei determinadas interpretações que existiriam antes. Mas foi um compromisso que decidi fazer tendo em conta que o texto iria ser analisado enquanto tal e não, pelo menos de imediato, do ponto de vista de ser posto em cena.

Entre os factos que são “insinuados” ao longo da peça e que serviram de matéria-prima para o que escrevi estão, obviamente, o *Hamlet* de Shakespeare e o *Dom Juan* de Molière, a primeira “Guerra Civil Inglesa” com a conseqüente fuga de Charles II para França e, mais tarde, a Restauração. Ligado a estes últimos acontecimentos está o período de dezoito anos em que os teatros ingleses estiveram fechados e a sua posterior abertura com o regresso de Charles II de França “com o Molière no bolso”.

Ao longo da peça vou entrelaçando estes acontecimentos com as personagens, criando ligações, fazendo sugestões, e, sobretudo, abrindo possibilidades, que me sinto agora a fechar à medida que avanço neste discurso.

Por isso não vou esticar mais a minha introdução ao que escrevi para não trair todos os significados possíveis nas leituras que dele forem feitas.

Acrescento só (como, aliás, faço no fim da peça) a ideia do espaço onde se desenrola a peça ser o interior da cabeça de Molière e o tempo em que se desenrola ser o tempo de um pensamento.

Mas também pode não ser.

**Bill**, *com uma manta sobre as costas*

Tragam-me uma manta. Assim não aguento. Tem tudo de correr mal? Frio, frio, frio. Serei o único a sentir? Frio. Tudo para trás, voltem ao princípio. E larga o miúdo, Carl. O único com sentimentos. Uma manta, já disse!

**James**

Recomeçamos?

**Bill**

Meu pretensioso fardo de palha. Não. Recomeçar o quê, se vocês ainda nem sequer chegaram. Começamos. Começamos. A minha manta?

**Peter**, *vestido de mulher*

Já aí está.

**Bill**

O quê? Isto? Chamas a isto manta? É isto a manta?

**Peter**

Isso é a cadeira.

**Bill**

E isto? Será isto a manta? Diz-me Eddie, é esta a tua manta?

**Peter**

A manta não é minha...

**John**

Tens a manta nas costas, Bill.

**Bill**

Nas costas? Isto? Então é este o peso que sinto nas costas. Quem ma trouxe, quem me pôs este peso nas costas? Ninguém se acusa? Eddie, terás sido tu?

**Peter**

Peter...

**Bill**

Peter? Foi ele? E onde está essa peça?

**Peter**

Eu sou Peter.

**Bill**

Peter pôs peso nas costas de Bill... Tu és Peter... Tu...?  
Isto é uma manta?

**Peter**

Sim...

**Bill**

Ou será um cobertor?

**Peter**

Sim...

**Bill**

Tu és Peter.

**Peter**

Sim...

**Bill**

Uma manta? Uma anta? Um lençol. É o que isto é, um lençol. E se não consegues reconhecer aqui um lençol, Peter, não és Peter, Eddie. Percebes isto?

**Peter**

Sim...

**Bill**

Raios me partam! Esse vosso vocabulário limitado exaspera-me. Será que não compreendem que o que vos sai pela boca é suposto ser consequência do que vos vai por dentro? – *Silêncio* – E é. Tens razão, Eddie, tens razão. Já me calaste. És bom rapaz, volta para o teu lugar.

**Peter**

Onde?

**Bill**

Pode ser aí, sim, deixa-te estar. No fundo acabaste por não sair daí.

Vamos começar. Mas, por favor, evitem o frio. A maior parte sabe como é difícil o processo de criação. As ideias, as leituras, as pessoas certas... Larga o miúdo, Carl. Vocês são solavancos na estrada do meu pensamento. Estou perdido...

**John**

As pessoas certas...

**Bill**

Não há tempo a perder. Dez dias. Dez. E ainda a enunciar os mandamentos. Não faças isto, não faças aquilo, larga o miúdo. Deus nos salve a nós, também.

**Richard**, *pinta o retrato de Bill*

Podes parar um instante?

**Bill**

Perdoa.

**James**

Começamos?

**Bill**

Não, James, não começamos. Recomeço. Quem não consegue ver um lençol nas minhas costas? Todos conseguem? Ótimo. Então tragam-me a manta. É impossível trabalhar aqui dentro sem manta. Só isso? Silêncio? Se não se riem quando ouvem, como será quando forem vocês a dizer? Buracos, cavernas enormes na estrada. Tragam-me ao menos a manta.

**John**

Posso ir buscar uma a casa.

**Bill**

Não. Ninguém sai daqui. Obrigado John, não leves a mal, eu vi-te, há pouco, a sorrir. Mas não chega. Arranjem algo para me cobrir. Até consigo ver o meu discurso.

**James**

Só se for o tapete.

**Bill**

Sem dúvida, James, bela imagem. Um brilho de espírito vindo de um sítio tão improvável que nem consegue reconhecer o alcance da sua frase. Tens razão, mais vale ir-me habituando. A este ritmo são só dez dias até tudo me passar por cima. Que imagem fabulosa, James.

**James**

Estava a brincar...

**Bill**

Nem mais uma palavra. Não estragues a poesia. Estou determinado a não desperdiçar o único rasgo de imaginação que tiveste em meses. Vai buscar-me o tapete, Eddie.

**Peter**

O tapete?

**Bill**

Sim, sabes o que é um tapete? Não é uma manta, não é um lençol, é um tapete.

**Peter**

Mas trago o quê?

**Bill**

Traz aquilo que te parecer mais um tapete.

Deixa-te estar aqui Carl, gosto de te ver.

*Peter sai.*

**Bill**

A juventude é algo precioso. Devemos tentar preservá-la, em nós e nos outros. “Mas trago o quê?”. É nestas pequenas coisas. Percebem? Tu percebes, John.

*Peter entra.*

**Peter**

O tapete.

**Bill**

Sobre as costas, Eddie.

*Peter põe-lhe o tapete sobre as costas.*

**Bill**

Pffff. Raios me partam, Carl, não te tenho dito para deixares as botas lá fora? Parece que tenho toda a corte às costas.

**Carl**

É que está frio...

**Bill**

Carrego toda a tua porcaria, Carl. Que vos sirva de exemplo.

**Carl**

Eu posso ir limpar...

**Bill**

É tarde. Isto compõe-se. Também já a apanhaste, James? Tem piada, não é? Finalmente cheiraste o que andam aqui a fazer há dias. Não podia ser mais adequado. Acabamos por nos habituar.

**Richard**

Bill...

**Bill**

Tens razão. Há que ganhar tempo. Mas tem piada. Matar o frio com o cheiro.

Só vocês me faziam rir. Olhem para mim. Que figura. Não é risível? Se já aqui por baixo, onde é mais o cheiro que o que vejo, sinto uma vontade verdadeira de me rir... Não é cómico? Olhem que figura. Um tapete cheio de cheiro às costas. Isso. Acompanhem-me. Não receiem rir comigo que não me tiram o prazer. Dá para todos. É isto, são estes momentos que procuro. Benditas botas, Carl. Imaginem o título: “Um escritor carrega um tapete de merda”. Guardem bem esta imagem. É isto que quero de vós. Não só a porcaria no tapete. Tudo. Quero tudo.

Vá, James, recomeça.

**James**

Recomeço?

**Bill**

Já. Vá.

**James**

‘Para nós e para a nossa tragédia,  
Inclinando-nos à vossa clemência,  
Aos vossos ouvidos pedimos paciência.’

**Bill**

E aos olhos, porque não?

**James**

‘Para nós e para a nossa tragédia,  
Inclinando-nos à vossa clemência,  
Aos vossos ouvidos e olhos pedimos paciência.’

**Bill**

Pára. Não te mexas. Ouve.  
‘Para nós e para a nossa tragédia,  
Inclinando-nos à vossa clemência,  
Aos vossos ouvidos pedimos paciência.’

**James**

‘Para nós e para a nossa tragédia...’

**Bill**

Pára. Morre.

**James**

Morro? Mas ainda tenho mais texto...

**Bill**

James, James, James, não teimes, teimes, teimes.

Esta vai ser a ultima vez que te vou explicar. A partir daí a responsabilidade dos ovos que encherem o palco neste enorme solilóquio é apenas tua. E prometo-te que os vou contar um a um e devolver-tos a dobrar como recompensa pela forma descuidada como estás a rasgar os meus versos com os teus dentes. Faz das orelhas montanhas. ‘Diz o discurso, imploro-te, como eu o pronunciei, ágil na língua. Mas se o pões na boca da forma que muitos actores fazem, então prefiro o homem que diz os pregões a dizer os meus versos. Nem serres demasiado o ar com as mãos, usa tudo suavemente. Pois na própria torrente, tempestade ou até turbilhão da tua paixão tens de agarrar e manter um equilíbrio que lhe possa dar suavidade.’

Embora não seja este o caso. Vá lá, respira fundo e surpreende-nos.

**James**

‘Para nós e para a nossa tragédia,  
Inclinando-nos à vossa clemência...’  
*Ouve-se bater.*

**Bill**

Parem esse barulho. Se não criarmos o silêncio onde as palavras se afundam não conseguimos avançar. Silêncio.  
*Continua o bater*

**Bill**

Quem está a martelar? Carl...

**Carl**

Eu estou aqui, quieto.

**Bill**

Deixa o miúdo sossegado e descobre de onde vem o barulho.

**Peter**

Eu vou.  
*E sai a correr.*

**Bill**

Aqui Carl, tu ficas.

**Carl**

Mas o mestre disse para eu ir...

**Bill**

O mestre diz para ficares. James, senta-te. Vamos ver a segunda aparição. Richie, podes parar agora?

**Richard**

Só mais um toque.

**Bill**

Malditas pancadas. *Começa a bater a cadeira no chão.* Malditas pancadas, malditas pancadas, mal... Bem, parece que pararam.

**Richard**

‘O ar morde, cortante. Está muito frio.’

**Bill**

Não podia ser mais apropriado. Vamos lá.  
*Entra Peter a correr.*

**Peter**

Mestre, mestre.

**Bill**

Calma miúdo, parece que viste um fantasma.

**Richard**

‘Anjos e ministros da graça, defendei-nos.’

**Peter**

Estamos fechados, mestre, estamos fechados.

**Bill**

Fechados? Claro que estamos.

**Peter**

As portas, mestre, as janelas. Estão fechadas.

**Bill**

E bem. Assim deixamos o mestre frio lá fora.

**John**

Deixa o miúdo falar. Que aconteceu, Peter?

**Peter**

Um homem, lá fora, está a pregar as janelas com tábuas. Estão fechadas.

**Richard**

‘Ó vilania. Hei! Que a porta seja fechada. Traição.’

**Bill**

Espera Richie, assim confundes-me. Quem é esse homem que ao pregar nos impede o trabalho? Que arranja ele? Não poderá fazê-lo em silêncio?

**John**

Não sei de arranjo nenhum. Vou ver o que se passa.

*John sai.*

**Peter**

Ele tem um martelo.

**Bill**

Claro que tem um martelo. Não o imaginava a pregar com a cabeça. Carl, vai com ele.

**Carl**

Eu?

**Bill**

Não és Carl? Mexe-te.

*Carl sai.*

**Bill**

Isto hoje está impossível.

**Richard**

Vou voltar à tela.

**Bill**

Espera, vamos à cena da aparição.

**Richard**

Não dá, Bill. Sem o Carl não dá.

**Bill**

Porque é que estes mortos não sossegam quietos? Só trazem confusão.

**Richard**

Sossega tu um instante. Dá o exemplo.

**Bill**

Quem durará mais, eu ou a minha imagem?

**Richard**

Não vou pôr o tapete.

**Bill**

Então é ela, certamente.

**Peter**

Já aí vêm. O Carl está a sangrar.

**Richard**

A sangrar?

**Bill**

Se não estivesses aqui pensava logo em ti, Eddie. Terá finalmente recebido o que merece?

*Entra John a amparar Carl. Recomeçam as pancadas.*

**Carl**

Ai, ai.

**Bill**

Vejam todos, aproveitem. Dor. Isto é dor. Superficial mas dor.

**Richard**

O que foi John?

**John**

Fecharam-nos.

**Peter**

Foi o que eu disse.

**Richard**

Peste?

**Bill**

Peste não. Tudo menos peste.

**John**

Não sei, é um edital. Fecharam todos os teatros.

**Richard**

Porquê?

**John**

Não percebi bem, o homem vem aí.

**James**

E o Carl?

**Carl**

Bateram-me.

**John**

Quis soltar uma tábua e levou com o martelo.

**Bill**

Nunca se deu bem com as tábuas. Temos agora um fantasma que sangra. Surpreendente. Se estiver a sangrar da orelha...

*Entra o HAMMERMAN.*

**Hammerman**

Como representante do poder representante do povo venho anunciar que todas as representações teatrais públicas terminarão a partir deste momento e que serão doravante proibidas.

**Bill**

Não lhe estendo o tapete.

**Hammerman**

Como tal todas as salas de espectáculo serão encerradas definitivamente e qualquer tentativa de retomar a actividade ilícita será punida enquanto tal.

**Bill**

Punida enquanto tal...

**Richard**

John...

**John**

Já tentei, Richie, não dá, estamos fechados.

**Carl**

Estamos presos, estamos presos...

**Hammerman**

Se infringirem as regras serão presos.

**Bill**

Então estamos apenas fechados.

**Richard**

Mas porquê? É a peste?

**Hammerman**

É a cura. Cura para a doença moral que está impregnada nestes antros do vício, onde as moscas da subversão semeiam as suas larvas. Fechei todas as portas e janelas, não há verme que se possa esgueirar, não há alma que possa entrar.

**Bill**

Moscas da subversão... Interessante. Estávamos fechados, fechados continuamos.

**John**

O rei vai saber disto.

**Hammerman**

O rei já não existe.

**Richard**

O rei morreu?

**Hammerman**

O rei já não é rei.

**Richard**

Um rei só deixa de o ser quando morre.

**James**

O rei morreu?

**Hammerman**

É como se tivesse morrido.

**Bill**

Deixou de governar.

**Hammerman**

Há muito. Há muito que o rei fugiu.

**James**

Para onde?

**John**

E nós como ficamos?

**Hammerman**

Fechados. E não vale o esforço tentar sair. Tal como eu, são milhares os que lá fora trabalham.

**Bill**

São muitos martelos. Qual a construção?

**Hammerman**

Trabalhamos para um mundo melhor.

**Bill**

Curioso, também nós.

**John**

Mas fechou-se cá dentro connosco. Também não pode sair.

**Hammerman**

É o preço a pagar.

**Richard**

Porquê?

**Hammerman**

Para ninguém poder entrar. Quero a vossa bandeira.

**Richard**

A bandeira? Está lá fora.

**Hammerman**

Estão fechados. Está cá dentro.

**John**

Mas não tem nada de especial.

**Bill**

É simbólico.

**Hammerman**

Todas as formas de comunicação têm de ser controladas.

**John**

James, vai buscá-la, por favor.

*James sai.*

**Richard**

E agora? Não podemos sair, o teatro está fechado, o que podemos fazer?

**Bill**

Vamos à cena da aparição.

**Richard**

Mas não podemos, Bill...

**Bill**

Estive a ouvir atentamente o senhor...

**Hammerman**

Oliver.

**Bill**

...o senhor Oliver, e das palavras precisas que ouvi concluo que estamos proibidos de representar publicamente. Não será isto?

**Hammerman**

Exactamente.

**Bill**

O que não nos impede de ensaiar. Por isso vamos à cena da aparição. Poderá ser?

**Hammerman**

Não percebo.

**Bill**

Ouvir com os ouvidos e com os olhos ver. Estamos por si condenados a ficar aqui encerrados, uns com os outros e com os outros. Por isso bem podemos entreter-nos e continuar o que fazíamos antes de entrar em cena. Se me permite a sugestão, poderá aproveitar para julgar das nossas acções em actividade. Vamos retomar numa pequena cena em que o fantasma do pai aparece a um filho para lhe ensinar o penoso caminho da vida. Rogo-lhe a par da aguda atenção um discreto silêncio.

**Hammerman**

Se o texto assim mo permitir.

**Bill**

É o máximo que esperamos do público. Richie, estás preparado?

**Richard**

Vamos mesmo ensaiar?

**Bill**

Não temos outra saída. Todos aos lugares.

**John**

Mas o Carl está magoado.

**Bill**

Quero-o morto. Carl, mexe-me esse rabo. Ainda sangras?

**Carl**

Já não. Mas tenho aqui um galo.

**Bill**

Então não o deixes cantar antes de terminares o teu texto. Vá, lá para cima.

**Richard**

De onde arrancamos?

**Bill**

A segunda aparição.

**Richard**

Falta o James.

**John**

Não deve encontrar a bandeira.

**Peter**

Eu vou lá.

*Peter sai a correr.*

**Bill**

Então começamos na cena do muro.

**Richard**

‘Aonde me levas tu?’

**Bill**

Sim. Carl, estás pronto?

**Carl**

Dói-me a cabeça...

**Bill**

Ele que não cante. Comecem.

*Entram James e Peter.*

**James**

Cá está.

**Peter**

Estava a lavar.

**John**

E agora o que pretende?

**Hammerman**

Tenho de a queimar. Dê-ma cá.

**John**

Mas está encharcada.

**Bill**

Hoje nada corre bem. Senhor Oliver, com essa bandeira mais facilmente apaga um fogo do que ateia um incêndio.

**Hammerman**

Molharam-na de propósito para não poder queimá-la.

**James**

Eu não fiz nada, ela já estava assim.

**John**

Foi ontem posta de molho. Estava um pouco maltratada. Não é Carl?

**Bill**

Maltratada? Também serviu para limpare os pés?

**Carl**

Eu já pedi desculpa.

**Bill**

Que tempos estes. Já nada tem valor. Livrem-me dos amigos...

**Hammerman**

Assim não me serve de nada. Que maldição foi esta?

**John**

Uma infeliz coincidência.

**James**

Pode sempre rasgá-la.

**Richard**

James!

**Bill**

Dos amigos e das bestas que ladram.

**Hammerman**

Tem de ser purificada pelo fogo. É a única forma de castigar toda a impureza que ajudou a espalhar.

**Richard**

Mas se ela já não serve de nada... Não poderemos encostá-la a um canto e deixá-la apodrecer? Se já não a podemos utilizar...

**Hammerman**

Tem de arder. A chama da purificação tem de ficar gravada nas vossas memórias.

**Bill**

Nesse caso só resta uma alternativa, temos de aguardar que ela seque. Dá-me licença? *Pega na bandeira*. Dás-me licença, Richie? Vou deixá-la aqui a secar juntamente com a tua obra. Por cima. *Coloca-a sobre o cavalete*

*com o retrato.* Assim. Ótimo, adoro acções carregadas de significado. Tu percebes. Não é a tua obra, é o que ela representa. E na verdade ela também tem de secar. E nós de ensaiar. Poderá ser assim, senhor Oliver? Aguardamos que ela seque e depois fazemos uma brilhante fogueira cheia de significado. E calor. Este frio gela. Hoje tudo serve para me tapar. É nestes dias assim, em que tudo corre mal, que as pérolas ganham forma. Vamos aproveitar.

**Hammerman**

Fico aqui ao lado dela.

**Bill**

Ela não voa.

**Hammerman**

Quando estiver seca, arde.

**Bill**

Vamos, Richie?

**Richard**

Anda, Carl.

**James**

Recomeçamos?

**Bill**

Vamos à segunda aparição. Deixa-te ficar, Eddie.

**Peter**

O rei fugiu?

**Hammerman**

Qual é a tua idade?

**Bill**

Dezasseis.

**Hammerman**

Pareces mais novo.

**Bill**

O teatro rejuvenesce.

**Hammerman**

O teatro escurece as almas. Afasta os jovens do caminho do bem. Basta um olhar para esta cara inocente aqui, neste campo de abutres, para sentir reforçada a minha fé. Que infâmia.

**John**

Os miúdos recebem. Todos recebem.

**Hammerman**

Que miserável papel os obrigam a desempenhar. Tão jovens e já no caminho da heresia. Obrigavam. Cada jovem lançado na podridão é um prego nas portas da vossa desgraça. Fazer um todo passar por costela. Lançá-lo aos olhares cheios de saliva, dia após dia, obrigados na sua inocência a subverter o funcionamento da obra celeste e a incendiar com imagens doentias as cabeças dos que não sabem julgar melhor.

**Bill**

Têm menos pêlo e a voz mais fina.

**Hammerman**

São crianças.

**Bill**

Uma subversão leva a outra subversão. Não afirmo que tenha já visto mulheres capazes de representar, porque na realidade não o podem fazer. Nem digo que as imagine a pisar um palco e a roubar os papéis que lhes são atribuídos por mim, na minha cabeça, pois vejo bem a distinção entre o que me passa na ideia, o que passo para o papel e aquilo que passa para o palco. Sei, no entanto, que se levasse os meus olhos a olhar o feminino dentro do feminino nas linhas do palco, perderia por certo a cabeça.

**Hammerman**

Fala como se estivesse a escrever.

**Richard**

Sempre.

**Bill**

Eternamente.

**Hammerman**

Até este momento.

**Bill**

É através dos seus filhos que as mães se sentem parte do universo. Num mundo que vê no teatro os seus reflexos...

**Hammerman**

Que via...

**Bill**

Num mundo que via no teatro os seus reflexos sombrios, as mulheres, de cujo ventre maduro fomos expulsos, instrumentos de procriação e destino dos nossos caprichos, viam no teatro um prolongamento da sua condição. Não eram dignas de ser representadas. São os seus frutos masculinos que as fazem viver em palco. Existir.

**Hammerman**

Faziam...

**Bill**

Eddie, quem te trouxe até nós?

**Peter**

A minha mãe.

**Hammerman**

Pobre desgraçada. Vendeu o filho para comer.

**Bill**

A vida lá fora não é responsabilidade nossa. Criamos às pessoas momentos de alheamento, em que a dor sentida é dos outros, em que a felicidade é visível. É isto que vendemos.

**Hammerman**

Isto é engano, falsidade. Enchem de fantasias as cabeças às pessoas e elas, quando saem daqui, estão mais longe da realidade, custa-lhes compreender o mundo verdadeiro.

**Richard**

Ou então passam a compreendê-lo melhor.

**Hammerman**

Um rapaz vestido de mulher – o que querem que as pessoas vejam aqui? O que é que se compreende aqui senão um desvio da realidade, um negação da natureza divina?

**Bill**

É o mundo que temos. Recomeçamos, então. Carl, vai lá para baixo. Avança, Richie.

**Richard**

‘O ar morde, cortante.’

Bill, e se disser “O ar afiado morde”? Não te parece mais limpo?

**Bill**

‘O ar morde, cortante.’, ‘O ar afiado morde’. Sim, gosto mais, o verbo no fim da frase. Fica assim.

**Richard**

‘O ar afiado morde. Está muito frio.’

**John**

‘Está uma atmosfera impaciente que arranha.’

**Richard**

‘Que horas são?’

**John**

‘Penso que são quase doze.’

**James**

‘Não, já bateram.’

**John**

‘A sério? Não ouvi. – Aproxima-se então o momento em que o espírito costuma passear.’

*Ouve-se bater.*

**John**

O que significa isto?

**Richard**

Não faço ideia. És tu Carl?

*Continua o bater.*

**Bill**

Mas que bater é este agora?

**James**

Vem do inferno.

**John**

Carl?

**Carl**

Estou aqui em cima.

**Bill**

Que fazes tu aí em cima? Era suposto estares lá em baixo. Olha que temos assistência. Se apareces aí de cima ainda somos mais fechados do que já estamos.

**John**

És tu que estás a bater?

**Carl**

O quê? Ai, ai.

**Richard**

Que foi agora?

*Continua o bater.*

**Carl**

Ai, ai, ai.

**John**

Pensei que já tinham terminado. Andam mais martelos por aqui?

**Hammerman**

Somos muitos, mas aqui sou único.

**Richard**

O que se passa, Carl?

**Carl**

Raios, bati com a cabeça.

**James**

Vem do inferno.

**Bill**

Então torna-se claro que não pode ser um deles. James, vai lá ver.

**James**

Não, não vou.

**Bill**

Será que temos fantasma?

*Continua o bater.*

**Bill**

Mas este morto tem bom ouvido. Ouçam. Reparem neste ritmo regular. Ora mais lento... um... dois... três... Agora mais breve... seis... de novo lento... três.

*Silêncio.*

**Bill**

Esta alma preocupa-se com a forma. Sossegou? Richie, dá-lhe a deixa.

**Richard**

Como?

**Bill**

Dá-lhe a deixa.

**Richard**

Mas não sabemos quem está ali...

**Bill**

De acordo. É um fantasma. De certeza que nos vai surpreender. Já o fez. Vamos tirar o máximo proveito da ocasião. Dá a deixa. Pior que o Carl não pode acontecer.

**Richard**

A história é tua...

**Bill**

Hoje não.

**Richard**

‘...esses homens que carregam, digo eu, a marca de um defeito, por oferta da natureza ou da estrela do destino, as suas outras virtudes, sejam elas puras como a graça e tão infinitas quanto um homem possa suportar, serão corrompidas, na censura de todos, por essa falha singular: a gota de mal, com o seu próprio escândalo, salpica de dúvida toda a nobre substância.’

*Jean aparece do sub-palco.*

**Jean**

Estes breves momentos em que caio embalado no porão do teatro, levado pelas ondas que agitam o estreito canal por onde o sangue me chega à mente, estes momentos... valem muitas vidas.

Sentir os agudos salpicos de génio que sobram das vagas ideias que me encharcam... Poder passar o papel pensado por penas passadas pelas próprias pontas e gozar ao criar frases só com pêns...

É aqui, onde me escondo, que me encontram. Neste buraco escuro sem fundo, limitado pelo universo, que deixa de fora os gritos dos que me chamam – Jean, Jean – cada vez mais longe – Jean, Jean, Jean – que eu não ouço cada vez mais, entregue ao atento silêncio de abrir livros. Lucrécio. ups. Terei apenas pensado ou dito em voz alta? Que dizias tu Charles? Ah! Falavas da nobre substância, um bom momento para entrar.

**Richard**

Eu não sou Charles.

**Jean**

Não és Charles? Se tu não és ele onde é que ele está?

**Peter**

Fugiu.

**Jean**

Fugiu? E tu és?

**Peter**

Peter.

**Jean**

Ah! Peter. Gosto mais de te ver com a roupa habitual, porque não vais trocar?

**Peter**

Vou já.

*Peter sai a correr.*

**Jean**

Mas eu preciso do Charles agora, tu és bastante parecido com ele, importas-te de ser Charles?

**Richard**

Assim seja. E faço o quê?

**Jean**

Há uma coisa que desejo experimentar. Deixa-te estar no palco. Tu... Ah! William. *Ri-se*. As mais respeitosas desculpas. Podes tirar o tapete. Foi uma frase com pés. Peço-te que fiques aqui, preciso do teu conselho.

**Bill**

É pouco provável que vá a algum lado enquanto aqui estiveres.

**Jean**

E tu, o que fazes tu?

**John**

Eu?

**Jean**

O outro, o que tem a cruz na mão.

**Delacroix**

Isto não é uma cruz, é um martelo.

**Jean**

Parece-se bastante com uma cruz. Não te parece, William?

**Bill**

Eu diria que é um instrumento.

**Jean**

O que fazes então? Pregas?

**Delacroix**

Já preguei o que havia a pregar aqui. Apenas aguardo que a bandeira seque. E certifico-me que ninguém entra aqui.

**Jean**

Aqui? Onde, no teatro?

**John**

Estamos fechados.

**Jean**

Impossível.

**Delacroix**

Tranquei todas as entradas possíveis.

**Jean**

Então como é que eu entrei?

**Delacroix**

Já cá estavas dentro, enfiado lá em baixo.

**Jean**

A falta de imaginação é a porta mais fechada que pode existir. Como é possível pensar conseguir fechar um teatro? É o edifício com mais portas e janelas que conheço. Com entradas por cima e por baixo, dos lados, por trás, pela frente, à vista e escondidas, truques e alçapões. É impossível! É infinito! Por cada porta que se fecha abrem-se, no palco, dezenas de janelas.

**Delacroix**

Por isso aqui permaneço, à espera que elas abram. As pragas que semeiam nessas tábuas não hão-de passar por mim.

**Jean**

Quando ouço algo semelhante, fervo de vontade de...

*Entra Carl atrás de Armande, esta com um vestido diferente do que trazia quando era Peter. Representam.*

**Armande**

Peço-vos, senhor, por favor, parai. Sou uma mulher casada.

**Carl**

Quanto mais nisso penso, mais sinto a boca aguada.

**Armande**

Parai, senão terei de chamar o meu esposo.

**Carl**

Mas qual a necessidade de o termos aqui? Acreditai que consigo ser mais extremo.

**Armande**

Meloso, sem dúvida alguma. Escorreis pela sala como uma colher de mel rançoso.

**Carl**

Vem cá, borrachinho, vamos rezar o terço juntos.

**Armande**

Isso nunca, que é pecado.

**Delacroix**

Ímpios.

*Armande e Carl deixam a primeira representação.*

**Carl**

Vem cá agora, que ele não está a ver.

**Armande**

Ele está sempre em todo o lado.

**Carl**

Vi-o descer ao inferno

**Armande**

Lá para baixo? Há muito?

**Carl**

Há bocado. Já deve estar a ressonar no meio dos ratos, o velho.

**Armande**

Não o trates assim, é o pai dos meus filhos.

**Carl**

Sabes lá tu. Eu não apostava.

**Armande**

Porco.

**Carl**

Que dorme com a porca.

**Armande**

Malvado.

**Carl**

Pronto, desculpa. Sabes como é que eu sou, quando abro a boca só digo asneiras. Vem cá.

**Armande**

Podias ser mais sensível. Sabes o que eu tenho de aturar.

**Carl**

Sim, pronto, não vale a pena. Já é muito tempo a representar. Vamos fazer uma pausa enquanto ele está lá em baixo. Vamos lá para cima?

**Armande**

Ele pode voltar e não gosta quando não nos vê...

**Carl**

Ele só precisa do Charles, é a cena da estátua. E se perguntar, dizemos que estávamos a decorar as tetas...

**Armande**

És um depravado.

**Carl**

Fazes-me assim.

**Jean**

Parem! Chega! Desapareçam!

*Armande e Carl desaparecem.*

**Jean**

Porque é que não deixei as coisas como antes? Infeliz. Será que a imaginação se tornou realidade? Merecia pauladas bem fortes nesta cabeça para ver se aprendo. Paciência. Uma peça de cada vez. Vivendo e criando.

**Delacroix**

O miúdo é uma mulher. Que indecência extrema. Onde já se viu?

**Bill**

É realmente indecente. Tantos anos de trabalho sem poder ver as minhas palavras mulher na boca de uma actora. É assim que se diz?

**Jean**

Actriz.

**Bill**

Que suavidade, leveza, emoção...

**Delacroix**

Infâmia. Hão-de arder nas chamas do inferno.

**Jean**

Precisamos de uma estátua...

Quem fazia o fantasma?

**Richard**

O Carl.

**Jean**

Essa cara não quero.

**Bill**

O James é uma magnífica estátua.

**Jean**

Perfeito. James, para o palco

**James**

Eu?

**Jean**

És a estátua. Para o palco. Mexe-te. Vou utilizar um pouco do teu discurso, Delacroix, mas para teu proveito. Vou fazer o que me pedes.

E tu, que sabes de tudo, Charles, e não me dizes nada, deixas-me ser arrastado nos comentários desdentados da população.

**Charles**

Tu és quem sabe tudo, Jean. És o grande escritor. Aquilo que sei foi o que me disseste.

**Jean**

Eu penso demais. Já não sei onde acaba o meu existir. Tudo se mistura. No início, lembras-te, quando nos ríamos de nós próprios e em que nos divertíamos a fazê-lo? Aí sinto que fui feliz. Entusiasmava-me vasculhar as ideias dos outros, dissecá-las, mudá-las de contexto, reavivá-las. Ainda gosto. Mas agora é diferente. Deixei de distanciar os meus pensamentos das minhas acções. Nisto que estou a fazer, neste momento, estou a viver ou a actuar? Estou a filosofar, pensas tu. Se eu quiser que penses, claro. E no fundo é verdade. Em cada frase que crio, em cada deixa que falas, em cada cena que pinto, é isso que faço. Filósofo. Filósofo eu? Porque não? Viver a minha filosofia é o que custa. Dia atrás de dia a senti-la passar-me pelo corpo, pelos gestos, pela voz, e a misturar-se com a minha vida. Onde começo e acabo eu? Porque não te limitas a escrever? Pergunta-me.

**Charles**

Porque não te limitas a escrever?

**Jean**

Porque não sou eu que decido. Neste exacto momento, em que todo este discurso vai dentro da minha cabeça, sinto que estou a ser manipulado por algo que me ultrapassa. Para lá da minha imaginação. Há sempre algo acima de nós que nos orienta os passos e explica o que não sabemos explicar. E se o meu caminho foi assim construído, no palco, e se dele não me puder afastar, então é até ao fim que aí vou viver. E representar. Manda-me para o inferno.

**Charles**

Vai para o inferno.

**Jean**

Mais teatro – mandem-me todos para o inferno.

**Todos os presentes**

Vai para o inferno.

**Jean**

Eu tomo o teu papel, Charles, hoje teremos um D. Jean. Delacroix, qual o castigo para aqueles que ousem praticar o teatro?

**Delacroix**

A prisão em vida e o inferno na morte.

**Jean**

Que aguardas então, meu mastim insidioso?

Que tal William, fui bem?

**Bill**

Fez-me franzir o nariz.

**Jean**

Que esperas para me rodeares com as garras? Não fiz outra coisa senão teatro, desde que aqui entrei.

**Delacroix**

Vocês estiveram a ensaiar. Isso não é teatro. O teatro só existe com o público. E esse garanto que não põe aqui o pé.

**Jean**

Foste enganado, rafeiro, foste usado da pior forma que podes imaginar. Tu foste o público para os meus caprichos teatrais. Estás sujo, peganhento, impuro. Escorres a tinta com que te pinteí. Vem, martela-me com a tua cruz. Dá sentido à minha vida. 'Dois e dois são quatro. Quatro e quatro são oito.' Aqui, no palco, sou deus.

**Delacroix**

Miserável.

*Corre para Jean.* 'A insensibilidade face ao pecado acarreta uma morte funesta, e as graças do Céu que rejeitamos abrem o caminho à excomunhão.'

*Martela Jean com a cruz.*

**Jean**

'Céus! Que sinto eu? Queima-me um fogo invisível, já não suporto mais, e todo o meu corpo está a tornar-se...'

*Jean agarra-se a Delacroix e descem os dois para o inferno.*

**James**

Ele disse a minha fala.

**Bill**

Mesmo para estátua és demasiado lento. Richie, também perdeste a fala?

**Richard**

Agora sou Richie?

**Bill**

Levou a cruz com ele.

*John entra.*

**John**

O rei voltou. O teatro está aberto.

**Bill**

Ainda não, ainda não, temos de terminar. Onde estávamos nós?

**Richard**

Na aparição.

**Bill**

De novo? Hoje já lhes perdi a conta. John, temos que ter actrizes. Faz o que for preciso, convence como puderes, mas quero actores mulheres.

**John**

Saio já.

*John sai.*

**Bill**

Nada de miúdos, Richie. Finalmente teremos a nossa Gertrudes. Vamos à aparição.

**Richard**

Não podemos, o Carl desapareceu.

**Bill**

Eu faço o fantasma. Arranca.

**Richard**

‘Para onde me levas? Fala. Não avançarei mais.’

**Bill**

‘Ouve-me.’

**Richard**

‘Assim faço.’

**Bill**

‘A minha hora é quase chegada e terei de me render às chamas do enxofre e do tormento.’

**Richard**

‘Oh pobre fantasma!’

**Bill**

‘Não tenhas piedade de mim. Ouve com a tua mais séria atenção aquilo que vou revelar.’

**Richard**

‘Fala. Estou destinado a ouvir.’

**Bill**

O que é que digo agora?

**James**

A bandeira já está seca.

**Bill**

O quê?

**James**

Está seca. Mas ficou manchada de tinta na parte de trás.

**Richard**

A minha pintura...

**Bill**

A minha cara...

**Richard**

Parece que não houve dano.

**Bill**

O nariz ficou algo borrado. Parece-me demasiado grande.

**Richard**

Isso, Bill, já não há nada a fazer.

**James**

Esta cara não me é estranha.

**Richard**

Olha, ficou duplicado na bandeira.

**Bill**

Sempre quis lá ter a minha cara, mas não sei se os outros vão aceitar...

**Richard**

Não, não és tu, repara...

**James**

É o outro.

**Bill**

O pintor.

**Voz de Jean, por toda a cena**

As coisas com que ocupo a cabeça...

*Cai uma enorme cabeleira de homem do séc. XVII a fechar a cena.*

### *Notas finais e bibliografia*

Os excertos das peças de Shakespeare e Molière utilizados (e colocados, no texto, entre plicas) foram por mim livremente traduzidos e essa tradução foi apoiada nas seguintes edições:

- Shakespeare, William – *Hamlet*, edição bilingue, Trad. Sophia de Mello Breyner Andresen, Lello & Irmão, 1987  
 Molière, *Dom Juan ou Le Festin de Pierre*, ed. Georges Couton, Gallimard, 1999  
 Molière, *Escola de Mulheres e Dom João*, Trad. Maria Valentina Trigo de Sousa, Publicações Europa-América, 1974  
 Molière, *Dom João ou O Convidado de Pedra e O Médico Volante*, Trad. Henrique Braga, Lello & Irmão, 1971

### *Bibliografia*

Para além das peças de Shakespeare e Molière já mencionadas, serviram de base à construção desta peça as seguintes obras:

- Alexander, Peter (Sel.), *Studies in Shakespeare* – British Academy Lectures, Oxford University Press, 1964.  
 Bloch, Olivier – *Molière / Philosophie*, Ed. Albin Michel, 2000.  
 Ford, Boris (Ed.) – *The Age of Shakespeare* – The Penguin Guide to English Literature, Penguin Books, 1955.  
 Goy-Blanquet, Dominique – *Shakespeare et l'Invention de l'Histoire*, Le Cri Edition, 1997.  
 Knutson, Harold C. – *The Triumph of the Wit: Molière and the Restoration Comedy*, Columbus-Ohio State University Press, 1988.  
 Niderst, Alain – *Molière*, Ed. Perrin, 2004.  
 Righter, Anne – *Shakespeare and the Idea of the Play*, Penguin Books, 1962.  
 Spurgeon, Caroline – *Shakespeare's Imagery and What it Tells Us*, Cambridge University Press, 1935.

